

**ARTICULAÇÃO DA CULTURA DE PAZ E GESTÃO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES
DE UM ESTUDO DE REVISÃO SISTEMÁTICA**

**ARTICULACIÓN DE LA CULTURA DE PAZ Y LA GESTIÓN ESCOLAR: APORTES DE
UN ESTUDIO DE REVISIÓN SISTEMÁTICA**

**ARTICULATION OF THE CULTURE OF PEACE AND SCHOOL MANAGEMENT:
CONTRIBUTIONS OF A SYSTEMATIC REVIEW STUDY**



Dilce Brasil DE SOUZA¹

e-mail: dilcesouza.aluno@unipampa.edu.br

André de Azambuja MARASCHIN²

e-mail: andremareschin@hotmail.com

Renata Hernandez LINDEMANN³

e-mail: renatalindemann@unipampa.edu.br

Crisna Daniela Krause BIERHALZ⁴

e-mail: crisnabierhalz@unipampa.edu.br

Como referenciar este artigo:

DE SOUZA, D. B.; MARASCHIN, A. de A.; LINDEMANN, R. H.; BIERHALZ, C. D. K. Articulação da cultura de paz e gestão escolar: Contribuições de um estudo de revisão sistemática. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 7, n. 00, e023007. e-ISSN: 2177-5060. DOI: <https://doi.org/10.29378/plurais.v8i00.17093>



| **Submetido em:** 10/04/2023

| **Revisões requeridas em:** 22/06/2023

| **Aprovado em:** 11/09/2023

| **Publicado em:** 27/10/2023

Editoras: Profa. Dra. Célia Tanajura Machado
Profa. Dra. Kathia Marise Borges Sales
Profa. Dra. Rosângela da Luz Matos

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Bagé – RS – Brasil. Professora da rede privada de Bagé (CFES) e membro do Grupo de Pesquisa sobre Aprendizagens, Metodologias e Avaliação (G.A.M.A/UNIPAMPA).

² Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL), Bagé – RS – Brasil. Professor EBTT – substituto de Química e membro do Grupo de Pesquisa sobre Aprendizagens, Metodologias e Avaliação (G.A.M.A/UNIPAMPA).

³ Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Bagé – RS – Brasil. Professora Associada III vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE/UNIPAMPA) e membro do Grupo de Pesquisa sobre Aprendizagens, Metodologias e Avaliação (G.A.M.A/UNIPAMPA).

⁴ Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Bagé – RS – Brasil. Professora Associada II vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE/UNIPAMPA) e membro do Grupo de Pesquisa sobre Aprendizagens, Metodologias e Avaliação (G.A.M.A/UNIPAMPA).

RESUMO: Este trabalho objetivou identificar e discutir produções acadêmicas nacionais sobre a perspectiva da Cultura e Educação para a Paz, com ênfase na formação de gestores educacionais. Como metodologia assumiu-se a revisão sistemática integrativa e a investigação ocorreu no Portal de Periódicos da Capes. Não foi delimitado período temporal. Após a leitura dos artigos, os resultados foram organizados em três categorias: A materialização das violências no contexto escolar; Formar para transformar: alternativas para o enfrentamento da violência; e Gestão escolar e família: diminuindo os espaços da violência. Em síntese, evidenciou-se nos trabalhos considerações acerca de alguns tipos de violência presente no dia a dia da escola, além de constatar-se a incipiência de trabalhos que articulam a Cultura de Paz com a formação de gestores escolares e a importância da atuação da gestão em parceria com a equipe escolar e famílias.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura de Paz. Gestão Escolar. Violência. Formação de Gestores.

RESUMEN: *Este trabajo tuvo como objetivo identificar y discutir las producciones académicas nacionales en la perspectiva de Cultura y Educación para la Paz, con énfasis en la formación de gestores educativos. Como metodología, se asumió una revisión sistemática integradora y la investigación se realizó en el Portal de Periódicos da Capes. No se delimitó ningún período de tiempo. Después de la lectura de los artículos, los resultados fueron organizados en tres categorías: La materialización de la violencia en el contexto escolar; Educar para transformar: alternativas para el enfrentamiento a la violencia; y Gestión escolar y familia: reduciendo los espacios de violencia. En síntesis, en los trabajos se evidenciaron consideraciones sobre algunos tipos de violencia presentes en el cotidiano escolar, además de verificar la incipiencia de trabajos que articulan la Cultura de Paz con la formación de gestores escolares y la importancia de la actuación de la dirección en colaboración con el equipo escolar y las familias.*

PALABRAS CLAVE: *Cultura de Paz. Gestión escolar. Violencia. Formación de Directivos.*

ABSTRACT: *This study aimed to identify and discuss national academic productions from the perspective of Culture and Education for Peace, emphasizing the training of educational managers. The methodology adopted was an integrative systematic review, and the research was conducted on the Portal de Periódicos da Capes. No specific time frame was delimited. After the articles were read, the results were organized into three categories: The materialization of violence in the school context; Forming for transformation: alternatives for addressing violence; and School management and family: reducing spaces of violence. In summary, the studies revealed considerations regarding various types of violence in the daily life of schools. It was also observed that there is a limited number of works that link the Culture of Peace with the training of school managers and underscored the importance of the management's collaboration with the school team and families.*

KEYWORDS: *Culture of Peace. School management. Violence. Training of Managers.*

Introdução

O presente artigo tem como objetivo identificar e discutir produções nacionais sobre a perspectiva da Cultura e Educação para a Paz, com ênfase na formação de gestores educacionais. A paz é um conceito complexo, visto que não existe uma definição única, seu enfoque depende, por exemplo, de contextos e culturas. Não podemos entendê-la somente como ausência da guerra, de pactos entre nações, ou deixá-la ao gosto popular como ausência de conflito e serenidade (Jares, 2002). Como partícipes da sociedade atual, seres humanos que convivem e interagem socialmente, é ideal que a paz seja entendida como um caminho que todos necessitam e podem buscar.

Jares (2002) também apresenta a concepção positiva de paz, que se baseia em dois pontos: paz é o contrário de violência e não de guerra apenas; e violência não é somente agressão física direta ou por armas, existe a violência menos visível, mas que causa sofrimento humano. Questões como essas, de lógica contraditória, ratificam a complexidade do mundo e da organização social (Morin, 2015a). Nesse sentido, saberes, culturas, conhecimentos, conflitos, não podem ser pensados, construídos ou resolvidos de forma fragmentada (Morin, 2015a; Salles Filho, 2019). Temos um advento hoje que em outras épocas não existia: a tecnologia e, com ela, a informação.

O excesso de informação, sua velocidade e seu conteúdo geram um ambiente de estresse e de insegurança. Não obstante, sabe-se que nem todos têm tempo e vontade para verificar a autenticidade do que está sendo noticiado, tampouco para compreender o que foi apresentado. Sobre esse aspecto, Morin (2015a) enfatiza os riscos de o conhecimento ser reduzido a informações, ocasionando limitações nos processos de tomada de decisão e conscientização por conta da simplificação na qual o pensamento humano pode ser conduzido. O mundo é dinâmico, os sujeitos interagem e, nesse sentido, a mediação e aceitação do contraditório se fazem necessárias.

Pelo viés educacional, a consciência de que não há verdades estáticas e inquestionáveis deve ser sempre estimulada na fala dos docentes. A função dos educadores é apresentar fatos e fontes que possam ser checados, estimular a criticidade, e possibilitar o desenvolvimento de capacidades questionadoras para que as pessoas cresçam, se descubram e se constituam dentro de valores pessoais e coletivos. Conforme Monteiro e colaboradores (2021, p. 3):

[...] a organização escolar deve valorizar as relações coletivas estabelecidas de modo a facilitar a construção do conhecimento, considerando a amplitude da complexidade do comportamento e desenvolvimento humano em prol da paz.

Daí a importância da introdução de valores sociais e conceitos da Cultura da Paz que priorizem o respeito e a dignidade humana, prevenindo as violências que estão arraigadas no ambiente escolar.

Logo, a Paz não pode ser assumida pelos educadores a partir de uma atitude simplista. Outrossim, os conflitos e as violências não podem ser polarizados a partir de lados opostos e que não dialogam entre si, um correto e outro errado. A construção de uma Cultura de Paz não é um caminho que se faça rapidamente ou se chegue em um ponto pronto e finalizado em sua completude. É um processo permanente, balizado por princípios como o dialógico e o recursivo (Morin, 2015a).

As mazelas culturais, sociais e a crise dos valores que vivenciamos contribuem para um ambiente violento. Monteiro *et al.* (2021, p. 5) trazem que a escola reproduz e até oportuniza situações violentas em seu ambiente “seja por meio de atitudes, omissão ou fragilidade em sua função”. Para os autores, a prevenção de violências é um caminho para se buscar interações sociais mais harmoniosas baseadas em respeito, cooperação e isso é benéfico para nosso desenvolvimento como pessoas. Neste ponto é importante situar a gestão escolar como responsável pelos aspectos administrativos e pedagógicos, e pela coletividade da escola, trabalhando as individualidades da sua equipe para somarem-se ao grupo, valorizando e respeitando seu trabalho.

Aliás, para Melo, Dos Santos e Silva (2019), esse respeito pelo trabalho do outro transforma comportamentos tanto dos alunos quanto dos professores. Lück (2009) discute que a gestão educacional precisa ser vista de forma diferente da administração educacional, pois a gestão escolar engloba um olhar atento às mudanças e as pessoas. Além disso, pressupõe a administração de conflitos, contribuindo para a construção de uma equipe coesa, que através das suas complementaridades compreendam, sem excluir, mas objetivando superar, os desafios propostos.

Referencial teórico

Johan Galtung, sociólogo norueguês, um dos fundadores dos estudos de paz e conflitos, apresenta que a paz é: “[...] uma relação positiva entre as partes, uma união, uma comunhão. A condição para a paz é o respeito mútuo, dignidade, igualdade, reciprocidade – tudo isso nas três áreas: espírito, mente e corpo; cultura, política e economia” (Galtung, 2003, p. 2). Em consonância com o autor, se entende que para atingir essa paz parte-se de um desejo, de uma busca individual, pois só quem tem esse valor dentro de si, procura agir em conformidade com

eles, exala através de suas atitudes esse espírito de paz, reverberando nas suas esferas de atuação. Guimarães (2011) em sua obra propõe reflexões a respeito da cultura de paz em oposição as indiferenças e violências naturalizadas no mundo atual. O autor também apresenta uma concepção de busca individual para a paz:

[...] em muitas tradições de educação para a paz, a paz é um evento da consciência e tem no interior do ser humano a sua realização fundamental. A educação para a paz apresenta-se fundamentalmente, como pacificação dos espíritos ou desarmamento moral (Guimarães, 2011. p. 172).

No contexto histórico, posteriormente a Guerra Fria, a Cultura de Paz como tema, passa a fazer parte das recomendações da Organização das Nações Unidas (ONU) a partir da Resolução 52/15 de 20 de novembro de 1997, a qual aponta o ano 2000 como o “Ano Internacional da Cultura de Paz”. Já a Resolução 53/25 (Nações Unidas, 1999), de 10 de novembro de 1998, aponta o período de 2001-2010 como a “Década Internacional para uma Cultura de Paz e não-violência para as crianças do mundo”.

Em 06 de outubro de 1999, a Resolução 53/243 (Nações Unidas, 1999) conhecida como “Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz”, apresenta que os governos e demais organizações promovam a Cultura de Paz de acordo com os pressupostos a seguir destacados no artigo primeiro:

Uma Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados: a) No respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação; [...] d) No compromisso com a solução pacífica dos conflitos; [...] h) No respeito e fomento ao direito de todas as pessoas à liberdade de expressão, opinião e informação; i) Na adesão aos princípios de liberdade, justiça, democracia, tolerância, solidariedade, cooperação, pluralismo, diversidade cultural, diálogo e entendimento em todos os níveis da sociedade e entre as nações; e animados por uma atmosfera nacional e internacional que favoreça a paz (Nações Unidas, 1999, p. 2).

Palavras como valores, tradições, atitudes, comportamentos e estilos de vida se fazem presentes e conduzem nosso olhar para as crises que vivemos hoje, na sociedade, percebidas ao longo do tempo e que reverberam nas instituições escolares, no dia a dia, em geral, demonstrada em nossas atitudes de desrespeito, de intolerância com a pessoa do outro, com o meio ambiente, com as questões de sustentabilidade, e com a nossa dignidade. Quando somos indiferentes ao que acontece, nos distanciamos do conceito, de almejar uma sociedade que viva uma Cultura de Paz, como defendido por Milani e Jesus (2003, p. 19):

A paz não pode ser um ideal abstrato com o qual se sonha, enquanto se aguarda que ocorra espontaneamente ou num passe de mágica. A paz é uma caminhada que só ocorre pela vontade e ação do ser humano. Não há uma chegada ou ponto final, uma vez que as potencialidades humanas são infinitas e somos capazes de evoluir sempre.

Os autores, ressaltam que são pessoas que produzem tanto a paz quanto a violência e que, portanto, devemos conscientemente fazer escolhas certas no caminho da Cultura de Paz. Mesmo o não agir é uma escolha, com consequências que afetam a todos (Milani; Jesus, 2003).

Também nessa caminhada por uma Cultura de Paz surgiu em 04 de março de 1999, o Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e não-Violência (Dhnet, 1999), documento feito por ganhadores de Prêmios Nobel da Paz, com a finalidade de que cada pessoa seja responsável, por meio de atitudes e condutas, pela busca de uma Cultura de Paz. Ou seja, uma responsabilidade individual para se construir um ganho coletivo na concretização desses ideais. No Manifesto 2000, estão presentes os pilares para a Cultura de Paz:

Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminação ou preconceito; Praticar a não-violência ativa, rejeitando a violência sob todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular contra os grupos mais desprovidos e vulneráveis como as crianças e os adolescentes; Compartilhar o meu tempo e meus recursos materiais em um espírito de generosidade visando o fim da exclusão, da injustiça e da opressão política e econômica; Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, dando sempre preferência ao diálogo e à escuta do que ao fanatismo, a difamação e a rejeição do outro; Promover um comportamento de consumo que seja responsável e práticas de desenvolvimento que respeitem todas as formas de vida e preservem o equilíbrio da natureza no planeta; Contribuir para o desenvolvimento da minha comunidade, com a ampla participação da mulher e o respeito pelos princípios democráticos, de modo a construir novas formas de solidariedade (Dhnet, 1999).

O Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014), que está em vigência até 2024, são indicadas metas, diretrizes e estratégias para a educação. Na meta 7, item 7.23, são apresentados caminhos para a construção da Cultura de Paz:

[...] garantir políticas de combate à violência na escola, inclusive pelo desenvolvimento de ações destinadas à capacitação de educadores para detecção dos sinais de suas causas, como a violência doméstica e sexual, favorecendo a adoção das providências adequadas para promover a construção da cultura de paz e um ambiente escolar dotado de segurança para a comunidade (Brasil, 2014).

Mais recentemente, em 2018, foi alterado o artigo 12, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996), a qual explicita o compromisso com combate à violência e a cultura de paz:

- IX – Promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*), no âmbito das escolas;
- X – Estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas (Brasil, 2018, p. 14).

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) apresentou, em 1996, o relatório elaborado pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, comissão chefiada por Jacques Delors, com o título “Educação, um tesouro a descobrir”. O relatório apresenta a educação como um processo constante na vida das pessoas, que pode proporcionar novos conhecimentos e a construção de suas identidades, de acordo com o modo que cada um tem de interagir, de ser no mundo (Delors *et al.*, 1996). O documento traz quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser. Estes pilares são citados por autores como Salles Filho (2019) e Grossi e Aginsky (2006).

Para Delors *et al.* (1996), *aprender a conhecer* se refere não só aos saberes adquiridos, mas à capacidade de entendermos os contextos, permitindo o desenvolvimento da criticidade. Já o *aprender a fazer*, está relacionado com os encaminhamentos dados após a construção do conhecimento, nos torna diferentes, sobretudo em nosso aprender para a vida profissional. Para o autor, as capacidades sobre trabalho em equipe e tomada de decisões já eram apontadas como essenciais para o mercado de trabalho. *Aprender a viver com os outros* prioriza a compreensão do outro, traçando caminhos conjuntos, em busca de compreender sem julgamentos e superar conflitos que surgem devido à pluralidade da sociedade contemporânea. *Aprender a ser*, tratado como primordial, refere-se a valorização da criatividade, do crescimento individual e coletivo, em que todo sujeito “[...] deve ser preparada [...] para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida” (Delors *et al.*, 1996, p. 99).

Estes pilares estão em consonância com as ideias de Salles Filho (2019), ao explorar a Cultura e Educação para a Paz, enfatizando-os como pontos fundamentais para um novo educar, sinalizando que esses embasam diversos documentos e leis da educação no mundo e no Brasil. O mesmo autor considera a Educação e Cultura de Paz como aspectos diferentes, mas complementares. Ou seja, tudo que leva para uma busca e/ou um desejo de paz, faz parte da Cultura de Paz. O autor enfatiza que a Educação para a Paz se configura como caminho pedagógico a ser percorrido na busca para se vivenciar uma Cultura de Paz. Ainda destaca que

embora Cultura e Educação para a Paz já possuam um campo teórico robusto na Europa, existe um espaço ainda inicial de discussão no Brasil.

Na discussão de Salles Filho (2019) são apresentadas cinco pedagogias a saber: Pedagogia dos Direitos Humanos, Pedagogia dos Valores Humanos, Pedagogia da Conflitologia, Pedagogia da Ecoformação e Pedagogia das Vivências/Convivências. A Pedagogia da Conflitologia, no sentido de tratar o conflito para além de um acordo pontual em situações que se opõe, mas discutindo mais como “um redimensionamento das relações humanas e sociais” (Salles Filho, 2019, p. 291). O autor defende a Pedagogia da Conflitologia, como um dos elos entre a Cultura e Educação para a Paz, uma vez que os espaços escolares são lócus onde o conflito se apresenta e podem ser solucionados, mesmo que sua importância por vezes seja relativizada pela comunidade escolar. Existem várias práticas na perspectiva dialógica de conflito, como a mediação escolar, a justiça restaurativa, a conciliação, que denotam a importância da mediação nestas situações, embora seja necessário conhecer mais seu conceito, seus significados para não diminuir sua grandeza e a importância deles na convivência humana (Salles Filho, 2019).

A gênese do conflito muitas vezes se dá por um movimento natural dos seres humanos vinculado à razão, que segundo Morin (2015a, p. 70) significa “[...] uma vontade de ter uma visão coerente dos fenômenos, das coisas, do universo”. Por conseguinte, os sujeitos tendem a se comportar na perspectiva de racionalização, se reunindo em grupos com pensamentos semelhantes, ao invés da perspectiva de racionalidade, que pressupõe o diálogo e compreensão de outras estruturas que ainda não fazem parte dos processos reflexivos e conscientes. Assim sendo, se vislumbra aproximações entre o paradigma complexo, os quatro pilares da educação e a Cultura e Educação para a Paz, na intenção de identificar, se apropriar, mediar e construir relações diante dos conflitos.

Considerando a diversidade das relações, a educação é concebida como algo complexo. Por conta disso, a perspectiva assumida sob a ótica do paradigma complexo (Morin, 2015a) e suas relações com os quatro pilares da educação (Delors *et al.*, 1996) e com uma Cultura e Educação para a Paz (Salles Filho, 2019), não vislumbra um ambiente educacional a partir de fragmentações como a disciplinarização de áreas do conhecimento ou espaços isolados da organização social.

O pensamento complexo (Morin, 2015a) considera três princípios básicos: o dialógico, o da recursão organizacional e o princípio hologramático. O princípio dialógico considera os sentidos contrários que se relacionam, demonstrando sua complementaridade e a

impossibilidade de redução e simplificação das relações, saberes e conhecimentos. Já o princípio da recursão organizacional pressupõe um movimento constante de interligação, cíclico, na medida em que produtor e produto agem um sobre o outro, seja em sua constituição ou auto-organização. Por fim, o princípio hologramático apresenta a concepção que o todo está na parte e a parte está no todo, portanto “[...] a própria ideia hologramática está ligada à ideia recursiva, que está ligada, em parte, à ideia dialógica” (Morin, 2015a, p. 75).

Como pode-se observar no contexto nacional, essa temática é estudada por Guimaraes (2011) que questiona as indiferenças e violências naturalizadas. Já Salles Filho (2019) propõe a partir de uma visão integrada e interdisciplinar dos saberes a abordagem de cinco pedagogias, articuladas ao pensamento complexo. No contexto internacional, a contribuição de Jares (2002) compreende a paz como oposto a violência que deve ser combatida em diversas frentes e não apenas na agressão física e Galtung (2003) enfatiza como condição para a paz o respeito mútuo, dignidade, igualdade e reciprocidade em todas as dimensões da sociedade, tais como política, econômica e espírito.

Em suma, pode-se pensar a escola como um ambiente diverso, em constante evolução e com interações plurais, que não se esgotam. Nessa perspectiva de incompletude (Morin, 2015a), percebe-se a escola como parte da sociedade (assim como um ponto da imagem do holograma possui muitas informações sobre aquela representação), bem como se reconhece que as relações construídas nesse ambiente perpassam os muros das instituições de ensino e também ocorrem na sociedade (assim como uma representação completa possui vários pontos). Nesse aspecto, a recursividade e o diálogo são igualmente importantes na compreensão dos diferentes sujeitos, das culturas, dos conflitos e de suas repercussões no ambiente escolar, familiar e social.

Não obstante, aprender a conhecer e a fazer são pilares importantes para o processo de (re)significação da educação, visto que a simplificação do pensamento e fragmentação do conhecimento podem afetar a evolução do ser humano enquanto cidadão e profissional, não permitindo que o diferente seja considerado. Ainda, aprender a viver e aprender a ser instigam a conscientização para o novo, o plural, construindo processos mentais no viés da racionalidade e não da racionalização. Por esse motivo, aposta-se na gestão escolar, pensando nela como um elo entre os diferentes agentes que compõem a comunidade escolar, para atuar de forma coletiva e colaborativa em prol da construção de uma sociedade melhor.

Metodologia: caminho percorrido

A pesquisa tem caráter exploratório, que segundo Gil (2021), visa tornar o pesquisador mais familiarizado com a questão a ser estudada. O procedimento metodológico adotado é a revisão sistemática de literatura que se baseou em oito passos sugeridos por Costa e Zoltowsky (2014, p. 57), a saber:

1. delimitação da questão a ser pesquisada; 2. escolha das fontes de dados; 3. eleição das palavras-chave para a busca; 4. busca e armazenamento dos resultados; 5. seleção de artigos pelo resumo, de acordo com critérios de inclusão e exclusão; 6. extração dos dados dos artigos selecionados; 7. avaliação dos artigos; 8. síntese e interpretação dos dados.

A revisão sistemática de literatura buscou as produções nacionais sobre Cultura de Paz com foco na educação e gestão escolar. Com definição pelo portal eletrônico de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁵, que possui, de maneira virtual, um vasto acervo científico reunindo conteúdos produzidos aqui no Brasil e também trabalhos com editoras internacionais e instituições de ensino e pesquisa Brasileira.

Na etapa de **delimitação da questão de pesquisa**, a investigação foi norteada por indagações a respeito da formação de gestores escolares na perspectiva da Cultura e Educação para a Paz. A **fonte dos dados**, conforme já mencionado, foi o portal de periódicos da CAPES e os **termos de busca** foram “Cultura de Paz” e “Gestão Escolar” com a utilização do operador booleano AND, com o intuito de garantir a presença dos dois termos. Os textos encontrados possuíam esses termos no título, palavras-chave e/ou resumo. A pesquisa não delimitou período temporal, localizando trabalhos no período de 2006 a 2021.

Além disso, como **critérios de inclusão e exclusão**, considerou-se o tipo de produção (artigos), o idioma (português) e pesquisas desenvolvidas exclusivamente no contexto brasileiro. Foram encontrados 16 artigos e dessa amostra foram excluídos 11 trabalhos: cinco por repetição ou língua estrangeira, cinco por não trazerem pesquisas do contexto brasileiro e um por ser resenha de livro. Ao final, os cinco artigos foram codificados e lidos.

Para facilitar a **extração e análise de dados**, foram organizados na forma de quadros, um que compila informações das produções (título, codificação, autores, ano, nome do periódico, estado brasileiro da publicação) e outro com os objetivos e principais resultados da pesquisa.

⁵ <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?>

As duas últimas etapas da revisão sistemática, que são **a avaliação dos artigos e a síntese e interpretação dos dados**, foram organizadas a partir da leitura na íntegra dos artigos, no qual foram reunidas informações das principais ideias, sendo organizadas pelas suas aproximações em categorias, a saber: A materialização das violências no contexto escolar, Formar para transformar: alternativas para o enfrentamento da violência e Gestão escolar e família: diminuindo os espaços da violência.

Resultados

O Quadro 1 apresenta informações que auxiliam na compreensão dos trabalhos selecionados, considerando um código dado ao artigo, o seu título, autores, ano de publicação, periódico e estado onde a pesquisa foi desenvolvida.

Quadro 1 – Trabalhos que envolvem gestão escolar e Cultura e Educação para a Paz

Cód.	Título	Autores	Ano	Periódico	Estado
A1	Gestão Escolar e parceiros – Elementos imprescindíveis na promoção da paz no ambiente escolar, com vistas à aprendizagem	MELO, Genilda Alves Nascimento; DOS SANTOS Andréia Quinto; SILVA, Célia Jesus dos Santos	2019	SUSTINERI - Revista de Saúde e Educação	Bahia
A2	Gestão Escolar e as novas incumbências impostas pela Lei Federal Nº 13.663/18	HAMMES, Lúcio Jorge; SEBAJE, Alexandre Zacaria	2020	Plurais Revista Multidisciplinar	Rio Grande do Sul
A3	A construção da cultura de paz como uma estratégia de superação da violência no meio escolar: impasses e desafio	GROSS, Patrícia Krieger; AGUINSKY, Beatriz Gerhenson	2006	Revista Educação (PUCRS)	Rio Grande do Sul
A4	A incidência de bullying na escola pública e o papel da gestão no enfrentamento da violência	ORIQUE, Sílvia Diana de Lima Silva; HAMMES, Lúcio Jorge; MOITA, Emanuel	2021	Revista Educar Mais	Rio Grande do Sul
A5	Violência ao docente na escola: narrativa de professora agredida por aluno	DE SOUSA, Gesilane Domingos; FIALHO, Lia Machado Fiuza.	2017	Conhecer: debate entre o público e o privado	Ceará

Fonte: Elaboração dos autores

O Quadro 1 demonstra que os cinco trabalhos (A1, A2, A3, A4 e A5) foram publicados de 2006 a 2021, em cinco periódicos distintos. Além disso, percebe-se a presença de um dos autores em duas das publicações (A2 e A4). Um dos trabalhos foi produzido na Bahia (A1), um

no Ceará (A5) e os outros três no Rio Grande do Sul (A2, A3 e A4). A esse respeito, é importante dizer que a primeira tese no Brasil sobre Educação para a Paz foi defendida no Rio Grande do Sul, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo padre e educador pacifista gaúcho, já falecido, Dom Irineu Rezende Guimarães, em 2003. A obra possibilitou a entrada desse tema no meio acadêmico, sendo que Dom Irineu, desde os anos 90, envolveu-se com trabalhos voltados para a paz, coordenando Organizações Não Governamentais e liderando movimentos⁶. Vinte anos depois, ainda é possível encontrar um campo de pesquisa em evolução, no qual pesquisadores e grupos de pesquisa buscam a consolidação da investigação em diferentes regiões do país na perspectiva da Educação e Cultura para a Paz, sobretudo alinhada à gestão. O Quadro 2, a seguir, demonstra os objetivos apontados nos artigos encontrados nesta revisão.

Quadro 2 – Objetivos de pesquisa

Cód.	Objetivo da pesquisa
A1	[...] discutir como o ambiente escolar influencia na aprendizagem do aluno, qual responsabilidade da gestão escolar, em parceria com a comunidade escolar, para transformar o ambiente escolar na cultura de paz.
A2	[...] contribuir para o debate e a percepção dos gestores escolares no que se refere às novas incumbências impostas pela lei em questão.
A3	[...] relatar este processo de implementação do “VIVE”, procurando dar voz aos envolvidos na construção de uma cultura de paz e os desafios para os profissionais frente à violência estrutural e processos de exclusão no ambiente escolar.
A4	[...] analisar as situações de bullying nas escolas e verificar as providências tomadas pela gestão para minimizar os efeitos desta forma de violência.
A5	[...] compreender as reverberações da violência física praticada por alunos contra o educador.

Fonte: Elaboração dos autores

No Quadro 2 percebe-se por meio dos objetivos de pesquisa que os artigos têm preocupação com a violência escolar ou a vivência dos sujeitos em ambientes coletivos permeados pelo (des)respeito, além de reflexões sobre a formação de gestores e atuação na perspectiva da Cultura de Paz sob o ponto de vista de leis e implementação de iniciativas como capacitações e projetos.

Não obstante, a partir da leitura dos artigos buscou-se identificar outros aspectos que caracterizam os estudos. Cada texto foi lido e os aspectos significativos que emergiram da compreensão dos autores se organizaram a partir de três categorias de análise, que são: A

⁶ Dom Irineu Resende Guimarães (Padre Marcelo Rezende Guimarães), nascido em Rio Pardo, em 1959 e falecido na França, em 2015. Foi monge beneditino e educador pacifista, escritor e teólogo, doutor em Educação pela UFRGS. Produziu muitos artigos e livros com destaque para sua tese de doutorado "Educação para a Paz: sentidos e dilemas". Até o final da sua vida publicava mensalmente orações pela paz em seu *blog*.

materialização das violências no contexto escolar, Formar para transformar: alternativas para o enfrentamento da violência e Gestão escolar e família: diminuindo os espaços da violência. Cabe registrar que na metodologia adotada, de revisão sistemática, um texto pode ser abordado e discutido em mais de uma categoria de análise. A seguir, as categorias serão apresentadas.

A materialização das violências no contexto escolar

Os artigos que compõem esta categoria, com enfoques ora similares, ora diversos, refletem diferentes tipos de atitudes e violências na vivência escolar e familiar dos sujeitos. Não há como dissociar o tema violência do confronto entre as experiências e vivências dos sujeitos, visto que a escola, como um ambiente plural e capaz de estabelecer relacionamentos entre pessoas diversas, se configura como um espaço de aproximação e conflito entre distintas concepções e culturas. Assim como os princípios hologramático e recursivo (Morin, 2015a), a escola reflete os desajustes e desafios do mundo contemporâneo e, portanto, é necessário fomentar uma Cultura de Paz.

Em relação a A1 e A5, a violência física e social são abordadas. O texto de A1 apresenta uma situação de assassinato de um aluno em frente a uma escola e discutiu a influência do ambiente escolar na aprendizagem dos alunos. As autoras defendem que este é um espaço que deve cuidar também da integridade física e mental de todos e, portanto, a gestão articulada com a comunidade escolar contribui para um ambiente transformador. As autoras relatam a presença constante de comportamentos agressivos nas escolas, em que os alunos chegam impondo suas verdades, sem se importar em conviver conforme as normas presentes no ambiente escolar. Muitas vezes as situações de fora da escola são trazidas ao seu interior, causando conflitos, refletindo o princípio recursivo no qual a sociedade produz os indivíduos, que produzem a sociedade e, em meio a essas interações, pode-se entender que somos, ao mesmo tempo, causadores e efeitos do que se apresenta na sociedade (Morin, 2015a, 2021).

A1 também apresenta que a escola sozinha não dará conta da resolução de tal problema e apontou a parceria com comunidade escolar como imprescindível. Levantou também a questão do abalo emocional sofrido por todos, professores e alunos, relativo a situações de insegurança que levam à evasão escolar, reprovações e mau rendimento em todos os sentidos dos envolvidos. Os pilares da educação se relacionam e são interdependentes, fazendo com que as consequências mencionadas firmam diretamente seus princípios. O ambiente escolar deve ser um local de acolhimento, onde se busca, além do conhecimento, “desenvolver a compreensão

do outro [...] realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos - no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz” (Delors *et al.*, 1996, p. 97).

O artigo A5, da mesma forma, trata do assunto violência no âmbito escolar, em que uma professora foi agredida por um aluno. Evidenciou-se não apenas a violência física, mas a presença da violência social entre aluno e professor, refletindo sobre as consequências na vida pessoal e profissional. Um ponto importante apontado por A5 é o silêncio das vítimas e ocultação de casos por parte da gestão escolar. Como resultado, a manifestação de agressão em situações onde os conflitos são negligenciados suscita preocupações substanciais. Isso cria um ambiente propício para outros tipos de violência, uma vez que pode contribuir para a normalização de comportamentos desrespeitosos por parte de indivíduos intolerantes. Portanto, entende-se que ambientes de diálogo e mediação subsidiam a busca por caminhos de paz nas relações. Porém, situações pequenas não encaminhadas corretamente colaboram para um avanço da violência, sendo que “[...] o que gera violência não são os conflitos, mas sim a não resolução dos impasses a partir de ideias contrárias” (Salles Filho, 2019, p. 308).

Não obstante, além do que foi destacado em A5, o texto de A3 também discute violências, com foco na violência estrutural presente nas escolas e em seus entornos, sobretudo em relação à desigualdade social e condições de estrutura, material, acesso ao lazer, cultura etc. Tal fato também é possível de relacionar com a desordem (Morin, 2015a) vivenciada nas escolas, decorrentes das diferenças existentes na sociedade, trazendo para seu meio, alunos acometidos pelo desemprego de seus familiares (ou próprio) e gerando incertezas quanto ao seu sustento ou sua saúde, por exemplo. Consequentemente, a escola e as famílias se encontram em constante reorganização frente às turbulências enfrentadas (Silva; Lunardi, 2006).

Ainda relacionado com atitudes e violências, o artigo A4 traz a incidência de *bullying* no ambiente de duas escolas públicas do interior do Rio Grande do Sul, analisando ações da gestão em relação ao assunto e as consequências para os envolvidos (quem sofre, quem pratica e quem assiste). Em suas considerações, aponta que o *bullying* ainda é tratado como algo comum, um tipo de violência que exige um posicionamento da gestão. A esse respeito, Salles Filho (2019) indica que o *bullying* faz parte das violências sociais que estão presentes na escola, que prejudicam o processo pedagógico dos diferentes componentes escolares e, por conta disso, o olhar da gestão deve ser ampliado a fim de “[...] considerar a realidade e o contexto da escola e dos alunos, além da relação dos professores, as construções comunitárias e a forma que cada espaço se relaciona com tantas variáveis” (Salles Filho, 2019, p. 176).

O *bullying*, assim como outros tipos de violência, estão presentes nas escolas em meio aos processos de convivência humana e demonstram como os sujeitos têm dificuldade para compreender o outro nas suas diferenças. Em sua obra, Morin (2011, p. 17) indica que esse é um dos pontos que educadores precisam perseguir para aproximar-se de uma vivência de Cultura de Paz nas escolas, pois “[...] o desenvolvimento da compreensão pede a reforma das mentalidades”. Essa transformação implica na renúncia ao pensamento linear, o qual restringe a ampliação da consciência ao manter abordagens exclusivas e inflexíveis, resultando na limitação e na restrição do pensamento (Morin, 2015a). Percebe-se que todos os artigos corroboram com a visão de que a escola não pode educar de maneira local e simplificada, sendo necessário entendê-la em uma perspectiva ampla, que sofre influências e influencia a partir de divergências de vários âmbitos.

A fragmentação do conhecimento nos impede de enxergar “o que é tecido junto”, isto é, o complexo, segundo o sentido original do termo (Morin, 2021, p. 14). Nesse viés, Morin (2015a) considera que a complexidade existe em diferentes ambientes e desenvolve uma analogia da tapeçaria, enfatizando três etapas: a primeira indicando que a tapeçaria é mais que a soma dos fios (o todo é mais que a soma das partes); a segunda que a tapeçaria não consegue explicitar a qualidade de cada fio (o todo é menor que a soma das partes); e a terceira reconhecendo a impossibilidade de compreensão de algo, o reduzindo à simplicidade (o todo é mais e menos a soma das partes).

Em outras palavras, aproximando essa analogia do contexto ora discutido, os problemas globais existentes na realidade dos sujeitos tendem a impactar mais que os problemas locais do ambiente escolar, contudo, o âmbito global é importante para compreender o que se apresenta e reverbera enquanto problema na escola. Não obstante, o conflito local não se encontra preso ao ambiente escolar e por isso acaba sendo igualmente necessário entender sua repercussão ao nível global, externo àquele meio. Logo, problemas da sociedade e do ambiente escolar são para entender conflitos e problemáticas que emergem. Salles Filho (2019) argumenta que no dia a dia das instituições de ensino, vivenciam-se seguidamente situações de violência direta que tomam tempo, pois precisam ser resolvidas com o auxílio de normas, leis e condutas que se conhecem. Contudo, não existem garantias de que não irão acontecer novamente e, por esse motivo, a Cultura e Educação para a Paz devem ser considerada uma alternativa que minimize essas problemáticas.

Em suma, defende-se que são necessários caminhos pedagógicos mediadores, sustentados pela perspectiva da Cultura e Educação para a Paz no cotidiano escolar,

entrecruzados com os componentes curriculares para que se entenda e se aprenda mais sobre “[...] práticas lúdicas e restaurativas, promotoras de vida nas escolas, é uma alternativa mais que viável, se não absolutamente necessária para a educação brasileira no século XXI” (Salles Filho, 2019, p. 97). Qualquer tipo de violência impede que os participantes da comunidade escolar vivenciem um ambiente saudável e agradável, de busca do conhecimento e crescimento pessoal. Os conflitos que surgem pela diversidade de pensar e agir dos sujeitos, orientados pela razão, precisam de espaço para serem compreendidos como normais e discutidos no sentido de valorizar o que é distinto, entendendo como algo complementar. Ou seja, pelo viés da racionalidade e não racionalização (Morin, 2015a), aprendendo a ser e a viver com o outro (Delors *et al.* 1996).

Formar para transformar: alternativas para o enfrentamento da violência

Na perspectiva da formação do educador e da gestão escolar, apenas dois artigos foram encontrados nesta revisão. A2 faz referência às novas incumbências dos gestores frente a Lei Federal n.º 13.663/18, a qual acrescentou incisos ao Art. 12 da LDB (Brasil, 2018), considerando que todos os envolvidos no processo de ensino devem promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, estabelecendo ações que promovam a Cultura de Paz na escola. Sobre esse aspecto, é possível perceber que a materialização das violências, discutida na categoria anterior, contribuiu para que emergisse a necessidade de incisos na Lei de Diretrizes e Bases. Corroborando com A2, A4 faz uma breve menção sobre a legislação, fazendo referência à Lei Federal n.º 13.663/18 com a alteração do Art. 12 da LDB.

Em suas conclusões, A2 traz a necessidade de formação dos gestores para melhor atender as exigências da lei, algo que se evidencia como uma possível lacuna para o desenvolvimento de pesquisas, visto que a legislação ainda é pouco explorada nos trabalhos. O texto de A2 defende a formação continuada como algo fundamental no processo educativo e aponta os gestores como multiplicadores do conceito e vivência de uma Cultura de Paz, sobretudo mediante a resolução de conflitos. Todavia, para isso ocorrer entende-se que mais pesquisas e propostas no contexto educacional são necessárias, considerando os pilares da educação (Delors *et al.*, 1996).

Na mesma perspectiva, entende-se que a formação dos educadores é imprescindível nesse processo de busca de Cultura de Paz. É importante ter uma gestão que entenda a

relevância do contexto que se vive, que sinalize para os membros da comunidade escolar caminhos que levem a atitudes de não violência e que instiguem e amparem os profissionais frente a obstáculos que vão surgir. Nesse viés, A5 sinaliza a necessidade de o professor sentir-se respaldado frente a sua missão e, nesse caso, a formação pode proporcionar essa emancipação e qualificação da pessoa, corroborando para que se tenha uma educação de qualidade para todos.

Ressalta-se novamente a concepção de Paz ancorada em Jares (2002) como o oposto da violência, que pode ser caracterizada por vários tipos, conforme foi observado na categoria anterior. Por esse motivo, a formação docente, em especial dos gestores das escolas, se torna importante nesse movimento de busca pela Paz. A exemplo disso, A3 demonstra uma pesquisa desenvolvida por assistentes sociais em escolas públicas de Porto Alegre, RS, tratando da implementação de um programa para capacitação de educadores para trabalharem com crianças e jovens. Neste, valores como cooperação, humildade, paz, respeito, tolerância entre outros são estimulados, mostrando os desafios dos profissionais na busca de se construir uma Cultura de Paz frente às violências e exclusões do ambiente escolar.

Os pilares da educação (conhecer, fazer, ser, conviver) devem ser trabalhados constantemente nas instituições, pois cada vez mais se necessita de pessoas preparadas para lidar com situações em um mundo plural e diferente, pautado por questões que vão além do conhecimento acadêmico, intelectual. Pessoas que saibam conviver socialmente de forma construtiva, solidária, evoluídas pessoalmente no sentido de possuírem habilidades socioemocionais que permitam interagir na busca de um mundo mais justo e empático (Delors *et al.* 1996; Salles Filho, 2019). A3 apresenta que não basta apenas incorporar componentes de Educação para a Paz se as atitudes e os relacionamentos permanecerem inalterados. É necessário trabalhar aspectos como afetividade, elaborando atividades que estimulem o senso de pertencimento e de responsabilidade com o ambiente em que se está inserido.

Nesse sentido, a proposta do programa de capacitação apresentou como possibilidades de formação para a transformação, uma metodologia que explore habilidades de criação de ambientes que exercitem os valores das pessoas, a escuta do outro, a comunicação não violenta e o trabalho colaborativo na resolução de conflitos de forma positiva “[...] evitando-se assim o ciclo negativo de inadequação, resistência, incriminação, raiva e retaliação, como também estratégias para lidar com comportamentos perturbadores” (A3, 2006, p. 424), evidenciando mais uma vez a importância de capacitação dos envolvidos. Como desafios, A3 indicou a reprodução da violência estrutural nas escolas, sinalizando “[...] a necessidade de um trabalho

sistematizado e contínuo de promoção de valores baseado num processo dialógico que leve à conscientização sobre a violência e a ação para a paz” (A3, 2006, p. 423).

Em suma, os artigos sinalizam a importância de preparar as pessoas para atender os desafios práticos da contemporaneidade, apontando caminhos por meio da Paz para trabalhar valores e enfrentar as situações-problema da sociedade atual. Já existem leis ratificando que todo o tipo de violência precisa ser inibido e, por conta disso, a Cultura e Educação para a Paz ganham legitimidade na constituição da formação de gestores, educadores e comunidade em geral, junto a práticas mediadoras e dialógicas. Dito de outra forma, quando se reconhece um mundo em várias crises, a escola também é participante desta realidade. Por conta disso, essa desordem caracterizada pela perspectiva do pensamento complexo (Morin, 2015a), ajuda a construir e (re)organizar a sociedade e suas extensões. Na escola, a educação sozinha não muda uma sociedade, mas:

[...] poderia formar adultos mais capazes de enfrentar seus destinos, mais aptos a expandir seu viver, mais aptos para o conhecimento pertinente, mais aptos a compreender as complexidades humanas, históricas, sociais, planetárias, mais aptos a reconhecer os erros e ilusões no conhecimento, na decisão e na ação, mais aptos a se compreenderem uns aos outros, mais aptos a enfrentar as incertezas, mais aptos para a aventura da vida (Morin, 2015b, p. 68).

A crise da educação recebe influências da crise social e, conseqüentemente, os conflitos que emergem reverberam novamente na sociedade, constituindo o ciclo entre produtor e produto (Morin, 2015a). Assim como o meio escolar pode possibilitar uma mudança de atitudes, a transformação também deve ocorrer nas demais dimensões. Não basta anunciar a crise na educação se o ser humano está em crise no seu viver. Morin (2015b, 68-69) indica “[...] as deficiências no ensino do viver. Problema de cada um e de todos nós, saber viver encontra-se no cerne do problema e da crise da educação”. Por esse motivo, a formação de gestores educacionais em uma Educação para a Paz se mostra pertinente e urgente ao mesmo tempo, envolvendo docentes, estudantes e suas famílias, conforme será discutido na categoria a seguir. Mesmo com alguns desafios mencionados anteriormente, a transformação dos sujeitos deve ser constante, haja vista que se assume aqui a vida como dinâmica e complexa (Morin, 2015a). Entretanto, também se reconhece que este campo de formação ainda é incipiente.

Gestão escolar e família: diminuindo os espaços da violência

Dois artigos tratam da importância da família nos processos educacionais. Não vamos entrar em narrativas de conceito de família. Vamos abarcar famílias como esteio para indivíduos, como berço de amor e valores. As mazelas sociais e as necessidades contemporâneas muitas vezes afastam a família da escola, atrapalhando momentos coletivos e de compartilhamento junto aos educadores.

É necessário compreender a instituição familiar como um sistema complexo, onde seus integrantes são antagônicos, mas complementares entre si e em relação ao meio em que estão inseridos. São todos diferentes, mas não de forma reduzida ou separada do todo, pois além de terem uma relação fundamental com o contexto, possuem uma capacidade de se reinventar, se ajustar frente às suas vivências (Silva; Lunardi, 2006; Morin, 2015a).

É importante entender que a evolução da sociedade acarreta uma constante modificação dos papéis desempenhados pelos seus membros, reproduzindo no seio familiar situações decorrentes das vivências. As ideias de recursividade e princípio hologramático, relacionando os problemas globais e locais da sociedade e escola, também se aplicam aqui. Ou seja, ao mesmo tempo em que os integrantes da família produzem a sociedade, a sociedade e seus caminhos está presente na individualidade da família (Silva; Lunardi, 2006; Morin, 2015a).

A3 questiona a importância de pensar nas questões de violência no ambiente escolar, a partir das subjetividades de cada estudante, professor, funcionário, etc. Nesse viés, as autoras compreendem que a aproximação com as histórias de vida poderia auxiliar na diminuição do desrespeito presente nesses espaços. Portanto, em A3 a família é fundamental no enfrentamento das violências, pois “Envolver a família no processo de educação dos filhos é fundamental, devendo esta ser parceira na construção de novas propostas para a educação” (A3, 2006, p. 9).

Não há como afirmar que a educação é um sistema pronto, com um caminho certo. Se faz necessário respeitar as individualidades e particularidades, traçando estratégias dialógicas e mediadoras para o enfrentamento de situações que possam surgir. Cada pessoa - e sua família - é complexa a partir do que vivencia, pois como parte de um organismo vivo, inserido em um ambiente cheio de incertezas, sofre constantemente impacto de fenômenos diversos. Em outras palavras, não é sozinha no universo, reorganizando-se constantemente em meio a desordem da sociedade contemporânea (Silva; Lunardi, 2006; Morin, 2015a).

O A4 salienta que a família envolvida com a gestão pode ser um parceiro importante para diminuição dos impactos causados pela violência, mas aposta na prevenção como melhor maneira de enfrentá-la. Indica como possibilidade a mudança da realidade escolar, por meio de

estratégias assumidas conjuntamente com as famílias, entendendo que todo problema é coletivo e a busca pela solução é um compromisso de todos. Os autores apontam que, apenas punir quem pratica e defender quem sofre, não traz resultados satisfatórios. Por esse motivo deve-se buscar a mudança de pensamento, para que as atitudes sejam diferentes. Os depoimentos apresentados em A4 demonstram que a participação da família na escola é fundamental para a prevenção e enfrentamento de situações de violência (*bullying*), propiciando o desenvolvimento do aluno de forma integral.

As pessoas são seres antagônicos, mas complementares em suas relações. Na escola, enquanto ambiente plural, o trabalho pode acontecer de maneira integrada e dialógica, visando a aceitação das pessoas e suas ideias. O desenvolvimento do sujeito de forma saudável e sem traumas é um aspecto importante na formação de um cidadão consciente de sua relevância no e para o mundo. Atos de violência não podem ser legitimados, quaisquer que sejam, atribuindo-os a “brincadeiras de criança”, “coisas da fase/época” ou “perfil/personalidade”. A tolerância, o respeito e a empatia devem ser trabalhados nas famílias, nas escolas e demais ambientes da sociedade, almejando comportamentos pacíficos, que aceitem as diferenças. Segundo Salles Filho (2019, p. 191):

[...] a tolerância na educação para a paz é que abre as portas ao diálogo e à comunicação com qualidade que são as bases para a mediação de possíveis conflitos ou para o simples entendimento entre pessoas e grupos. Com o reconhecimento das inúmeras violências nas famílias, [...] nos diferentes ambientes, acreditamos que a educação para a paz e o conceito de tolerância serão fundamentais para o nosso tempo.

Esta categoria teve por intenção demonstrar que a família e a escola são parceiros fundamentais na construção de uma sociedade menos intolerante e mais plural. Os conflitos são naturais na essência dos seres humanos, portanto, devem ser entendidos e trabalhados a partir de uma concepção complexa e multidimensional, considerando situações, causas e subjetividades que podem materializá-los. Neste contexto, a ideia hologramática está presente quando se entende a pessoa enquanto uma ponta de uma identidade planetária, de um todo maior, agindo neste todo, que também retroage nela (MORIN, 2015a).

Considerações finais

A sociedade contemporânea e as relações que se estabelecem nela não podem ser entendidas de maneira simplista. O paradigma complexo contribui para uma compreensão ampliada sobre o dinamismo e constante evolução dos saberes, das vivências e da constituição dos cidadãos planetários. A violência faz parte dessas relações sociais e trazem implicações para o contexto educacional, como se tem observado nos últimos anos a partir dos veículos de comunicação e mídias digitais. Diante disso, o presente artigo apostou no campo da Cultura e Educação para a Paz como possibilidade de enfrentamento à violência, partindo da gestão escolar preocupada com os ambientes de dentro e fora das escolas.

Essa pesquisa sinaliza lacunas a partir das análises, que precisam ser melhor problematizadas no contexto da gestão escolar. Não significa assumir os resultados dessa escrita como definitivos, pois se entende a configuração destes como um convite a outras investigações e proposições acerca da temática. Apostou-se no olhar para a gestão escolar como um articulador potente da Cultura e Educação para a Paz.

Três categorias de análise se mostraram. A primeira sobre formas de violência (estruturais, físicas e emocionais) vivenciadas na escola, permite problematizar o comportamento em sociedade e nas famílias a fim de que se contribua na mudança do modo de pensar e de agir para a construção de uma sociedade igualitária. A segunda trouxe a apropriação de leis e propostas práticas no ambiente escolar de modo a fomentar processos formativos norteados por princípios da Cultura e Educação para a Paz (comunicação não violenta, mediação entre outros). Por fim, a consolidação da parceria entre escola e família como pilar de combate a propagação da violência.

Defendemos que a gestão escolar pode subsidiar espaços de fortalecimento da equipe e preparação para adversidades recorrentes no dia a dia, sejam elas oriundas desse ambiente ou do meio externo. Além disso, é importante fomentar a escuta atenta e refletir sobre a dimensão do currículo desses profissionais, a fim de atender demandas contemporâneas. Entendemos a necessidade de expandir políticas públicas de educação e de ampliar discussões sobre a não violência na conduta dos indivíduos. Nesse sentido, cada vez mais as escolas podem ser transformadas, a partir dessas políticas e com o auxílio dos gestores, em ambientes de reflexão e ação, entendendo contextos, desenvolvendo e qualificando relações.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Ministério da Educação, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 21 nov. 2022.

BRASIL. **Lei n. 13.005/20, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Ministério da Educação, 25 jun. 2014. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 06 nov.2022.

BRASIL. **Lei n. 13.663, de 14 de maio de 2018**. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Brasília, DF: Secretaria Geral da Presidência da República, 14 maio 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13663.htm. Acesso em: 04 abr. 2023.

COSTA, Angelo Brandelli; ZOLTOWSKY, Ana Paula Couto. Como escrever um artigo de revisão sistemática. *In*: KOLLER, Sílvia H; COUTO, Maria Clara Pinheiro de Paula; HOHENDORFF, Jean Von. (org.). **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 55-70.

DE SOUSA, Gesilane Domingos; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Violência ao docente na escola: narrativa de professora agredida por aluno. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, Fortaleza, v. 7, n. 18, p. 113-131, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/326>. Acesso em: 15 mar. 2023.

DELORS, Jacques *et al.* **Educação um tesouro a descobrir** (Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI). São Paulo: Cortez Editora, 1996. Disponível em: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf. Acesso em: 23 dez. 2022.

DHNET-DIREITOS HUMANOS NA INTERNET. **Manifesto 2000**. Disponível em: https://www5.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura_da_paz/docs/manifesto_2000_UNESCO_cultura_da_paz.pdf. Acesso em: 03 nov. 2022.

GALTUNG, Johan. **O que é uma Cultura de Paz e quais são os obstáculos que nos separam dela**. Tradução: Tônia Van Acker. [S. l.]: Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz—um programa da UNESCO, 2003. Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br/download/O%20que%20%C3%A9%20uma%20Cultura%20de%20Paz%20-%20Galtung.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GROSSI, Patrícia Krieger; AGUINSKY, Beatriz Gerhensan. A construção da cultura de paz como uma estratégia de superação da violência no meio escolar: impasses e desafios. **Educação**, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 415-433, 2006. Disponível em:

<https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/22286>. Acesso em: 15 mar. 2023.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Educação para a paz: sentidos e dilemas**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2011.

HAMMES, Lúcio Jorge; SEBAJE, Alexandre Zacaria. Gestão Escolar e as Novas Incumbências Impostas pela Lei Federal Nº 13.663/18. **Plurais Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 5, n. 3, p. 167-182, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/view/10199>. Acesso em: 15 mar. 2023.

JARES, Xesús. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LÜCK, Heloísa. **A evolução da Gestão Educacional a partir de mudança paradigmática**. In: PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO DE GESTORES, 2009, Bahia. Disponível em: <https://progestaoead.files.wordpress.com/2009/09/a-evolucao-da-gestao-educacional-h-luck.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022.

MELO, Genilda Alves Nascimento; DOS SANTOS, Andréia Quinto; SILVA, Célia Jesus dos Santos. Gestão escolar e parceiros—elementos imprescindíveis na promoção da paz no ambiente escolar, com vistas a aprendizagem. **Revista Sustinere**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 185-202, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/40788>. Acesso em: 15 mar. 2023.

MILANI, Feizi; JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de (org.). **Cultura de paz: Estratégias, mapas e bússolas**. Salvador: INPAZ, 2003.

MONTEIRO, Michelle Popenga Geraim; DE LIMA-BERTON, Tatiane Delurdes; ASINELLI-LUZ, Araci. A importância da inserção da Cultura da Paz no currículo escolar. The importance of inserting the peace culture in the school curriculum. **Revista Contexto & Educação**, Ijuí, RS, v. 36, n. 114, p. 301-315, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/10331>. Acesso em: 15 mar. 2023.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. Ed. rev. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015a.

MORIN, Edgar. **Ensinar a Viver: manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2015b.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2021.

NAÇÕES UNIDAS. **Resolução 53/243 de 06 de outubro de 1999**: Resoluções aprovadas pela assembleia geral. Nova Iorque, 1999. Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br/download/Declara%C3%A7%C3%A3o%20e%20Programa%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20uma%20Cultura%20de%20Paz%20-%20ONU.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ORIQUE, Silvia Diana de Lima Silva; HAMMES, Lúcio Jorge; MOITA, Emanuel. A incidência de bullying na escola pública e o papel da gestão no enfrentamento da violência. **Revista Educar Mais**, v. 5, n. 5, p. 1030-1046, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2586/1857>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SALLES FILHO, Nei Alberto. **Cultura de Paz e Educação para a Paz: Olhares a partir da complexidade**. Campinas, SP: Papyrus, 2019.

SILVA, Mara Regina Santos da; LUNARDI, Valéria Lerch. A concepção de família como unidade complexa. **Família, Saúde e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 64-72, 2006. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/1402>. Acesso em: 26 mar. 2023.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não aplicável.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não aplicável.

Aprovação ética: Não aplicável.

Disponibilidade de dados e material: Não aplicável.

Contribuições dos autores: Autora 1: Pesquisa bibliográfica, coleta de dados, análise e interpretação dos dados, redação do texto e ajustes indicados. Autor 2: Análise e interpretação dos dados, redação do texto e ajustes indicados. Autora 3: Análise e interpretação dos dados, redação do texto e ajustes indicados. Autora 4: Análise e interpretação dos dados, redação do texto e ajustes indicados.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, versão e tradução.

